

Dorival Caymmi, mestre da canção popular brasileira

Caymmi compõe clássicos da música brasileira, essa é sua missão e é o que tem realizado - *Nem Eu, O Mar, Suíte de Pescadores, O Que É Que a Baiana Tem, Marina, Dora, Rosa Morena, É doce Morrer no Mar, Você Já Foi à Bahia?, Maracangalha, João Valentão, Saudade da Bahia, Acalanto, Só Louco, Oração de Mãe Menininha, ou Maricotinha, entre outros tantos*

VICK PUGLIESI

Com direito a algumas "canjas" de músicas suas, de Massenet, Mirabeau, Noel Rosa, Tom Jobim, entre outras, durante mais de uma hora, Dorival Caymmi, atenciosamente, respondeu às perguntas. Abaixo, e nas páginas 6 e 7, transcrevemos a entrevista.

HP: O que move você a cantar, a compor?
DORIVAL CAYMMI: Quem faz alguma coisa na idade madura já faz alguma coisa mesmo precocemente, obedece uma coisa de instinto, já nasce com uma queda, uma vocação. As memórias de minha infância estão sempre ligadas a um fato musical. A lembrança de mãe está ligada à música. A lembrança de papai, ao piano, ao violão que ele tocava. Tudo isso vem da infância, vem se desenvolvendo, mas sem uma visão de profissão, pois isso não podia passar pela minha cabeça, porque eu não entendia o processo industrial da música, o processo comercial. Eu estava seguindo o roteiro do rapaz de província, do menino seguindo aquele currículo escolar e aquela rotina familiar. Mas algo especial me dirigia para a música e a poesia. Na minha infância e juventude, o que eu ouvia em minha terra no sentido poético, musical, foi o que mais ficou para a minha maturidade, para o exercício profissional. Me lembro da festa comum, a festa de largo, aquele pendor festeiro dos baianos. Sou nascido e criado, três gerações antes de mim, em Salvador. Sem conhecer nada fora de Salvador, eu estava muito ligado àquelas festas de Igreja, aquelas festas religiosas de largo, praça, as festas familiares. Ainda não havia o rádio, tudo isso era feito com uma música muito mais natural. Era desde uma serenata que aparecia extemporaneamente, assim no ar, de repente na rua, como também o piano em que se tocava algum Chopin, à noite, um estudo, *Pour Elise*, de Beethoven, aquelas coisas do estudo das mocinhas da época. Havia sempre uma coisa musical, e era sempre para onde estava voltada a minha curiosidade. Até o pregão que eu usei, pregão popular dos vendedores de rua, sobretudo os da noite, que ficam vendendo aqueles quitutes, aquelas guloseimas que ainda se vende por aqui, por toda a parte.

Eu guardei muito daquela coisa. A vocação musical, quando eu fiz a primeira canção, tinha o tom do modismo, era de São João. Mas não no feitiço de São João típico da minha cidade, que é um São João que não é caipira, mas um São João com influência portuguesa muito antiga, da fogueira, do balão. A canção popular divulgada no meu disco já falava dessas festas com caráter rural do interior, de assar o milho na fogueira, coisas assim. Meu São João é o da sorte, da adivinhação, da canjica típica do lugar, do bolo de São João, das iguarias. O carnaval já tinha outro tom, tinha uma influência negra que vinha pelo afoxé, com formações de bairro, tipicamente negras, com uma linguagem passada de pai para filho. Então, quando descobri, tinha realmente em torno de mim uma Universidade Musical.

HP: Depois você veio para o Rio?
DORIVAL CAYMMI: Quando vim tentar a vida no Rio, foi com o objetivo de estudar. Em Salvador, me valia de um emprego na imprensa. Fui empregado de escritório de um jornal de segunda ordem, chegou a ter importância, mas quando estava acabando. Aqui, vim continuar o estudo, me formar em Direito, aquela pretensão, aquela rotina de família que tinha doutores em Direito e tinha um médico. E eu sozinho decidi meu destino no Rio. A música veio naturalmente, por um impulso irresistível. Eu senti isso, e mesmo analisei, que a vocação musical era o meu forte!

Como me sentia no grande centro musical do Brasil - Rio de Janeiro, com gente famosa à minha vista, Escola de Música, professores, - eu digo: "para ser profissional, devo ser um sujeito bem formado e estudar música". Foi exatamente o que os doutos e os eruditos não permitiram. "Não, você tem uma tendência muito espontânea a fazer as coisas com um ímpeto, com um veio poético, você faz a música e a letra". Nunca fiz separadamente. Disse: "não tire esse espontâneo do seu jeito, continue como está e não aprenda música, senão você vai perder toda essa naturalidade."

Então, quando descobri, em Salvador, tinha realmente em torno de mim uma Universidade Musical

ma para o que eu faço, é muito importante. Comecei a ficar ouvindo a música lírica, ouvir o que Caruso gravou, e o que estava gravando Tito Schipa; o que estava gravando a Bidu Sayão; a Rosa Ponzelli, a Gali-Curci e Beniamino Gigli, aqueles tenores, a música lírica, que teve uma fase áurea. Hoje, quando se fala em música lírica, se diz Pavarotti, e encerra o assunto.

HP: Na década de 50, havia várias expressões...

Há 54 anos, Dorival Caymmi é compositor popular brasileiro. Nas suas músicas, o menos vale mais. Com poucas palavras, com palavras simples ele revela a emoção, diz tudo.

Não fazes favor nenhum em gostar de alguém, Nem eu, nem eu, nem eu...

O mar quando quebra na praia É bonito, é bonito.

A tremenda espontaneidade de sua maneira de compor fez com que maestros, músicos e compositores, como até Villa-Lobos, o aconselhassem a não estudar música. Suas composições são buriladas e lapidadas, às vezes, por anos, até que sua sensibilidade acredite ter chegado ao ponto certo. O respeito ao seu trabalho é o que define sua conduta, não tendo, nesses 54 anos de profissão, se deixado fascinar pela comercialização. Suas músicas elevam o espírito e o humor, e ele explica simplesmente que gosta mais de alegrias do que de tristezas. Diz também que não o agrada a incursão do espaço musical por "fríssimos profissionais de marketing", criando uma situação totalmente contra o seu tipo de sensibilidade, sua maneira de ser. "Acho que chegamos ao auge do comércio da arte, com seu aspecto mais feio." E continua cada vez mais fiel ao seu modo de ser.

Nesta entrevista, ele fala de sua formação musical em Salvador, de sua ida para o Rio de Janeiro, de seu apreço pela música erudita; de artes plásticas; balé; cinema; dos filhos e de sua mulher, Stella; da amizade com Carmen Miranda; do tropicalismo. Pena que cada exemplar do HP não possa ser acompanhado de uma fita, para se poder apreciar o doce de sua voz ao falar, ao cantar trechos de canções, ou ao dizer um "ah". Mas pelo texto, também se pode comprovar que ele é mesmo um mestre, um obá de Xangô, como lembra Wally Salomão ou um buda nagô, como canta Gilberto Gil.

HP: Você então, não aprendeu música na escola?

DORIVAL CAYMMI: Não, eu comecei com um professor, mas ele mesmo me aconselhou. Até Villa-Lobos me disse: "você canta a música retratando o seu povo, nunca aprenda a música, porque você vai desvirtuar um pouco, ficar um pouco dentro de uma escola, de um sistema. Toca o seu violão, tira, inventa sua harmonia. Faz como você faz". Eu fui seguindo disso.

HP: Você teve mais contatos com Villa-Lobos?

DORIVAL CAYMMI: Tive, não grandes contatos. Foram contatos casuais, mas ele sempre muito atencioso. Encontrei-o no Teatro Municipal, encontrei-o à rua, uma vez na casa de amigos conversando, e, certamente, com aquela inibição natural de quem, mesmo residindo já há algum tempo no Rio, via aquele monumento e não podia estar puxando conversas, assim. Mas ele, o Francisco Mignone, os grandes músicos de São Paulo, o pianista Souza Lima, o Maestro Camargo Guarnieri, luminares de música sempre viam na minha canção o talento pesquisador, e poético também.

HP: Você consegue sempre com muita simplicidade passar muita emoção. Como é isso, é espontâneo?

DORIVAL CAYMMI: Espontâneo. Pois é, está aí, exatamente esse ponto maestro Radamés Gnatalli, já falecido; o maestro Guerra Peixe; o Iberê Gomes Grosso, um violoncelista famoso, me disseram que tudo o que você faz por impulso poético se for passar para o grafismo da música vai perder um pouco. Então, segui o espontâneo. Depois, eu tenho uma passagem na minha vida musical, que sem ficar influência nenhuma

Eu recebi a tentação de entrar no comércio da música violentamente. Não me deixei fascinar, não deixei

DORIVAL CAYMMI: É sim, e a ópera foi um costume, foi um hábito da sociedade, ela hoje não está tão florescente como era antes.

HP: Entre os clássicos, há alguns de que você goste mais?

DORIVAL CAYMMI: Ah! tem. Aí que eu digo a você, no meio dessa coisa popular, o que mais me encantou, foi uma coisa que parece me veio da infância. Quando ouvi uma música - eu tinha uma remota lembrança -, que era tocada numa vitrola de um vizinho na Bahia. E era *Elegie* de Massenet, só vim saber depois, ninguém sabia me informar (cantarola um trecho da melodia). A melodia me ficou para o resto da vida e está ficando ainda, estou vivo (brinca), continua. Foi o meu prazer, depois dessa coisa toda da minha mocidade, do meu dia-a-dia e da minha velhice hoje, o que passa por mim é a música erudita. Fui sempre um bom ouvinte de música erudita. Mas muito reservado, ouvia sozinho.

Se bem que todas minhas crianças, meus três filhos, passaram a infância ouvindo a música que me dá prazer. Por exemplo, Mozart, Beethoven, Bach, Brahms, Fauré, até vir os modernos: Debussy, Ravel, até chegar mais para cá para, Béla Bartók e aqueles russos modernos.

Hoje mesmo, minha mulher estava lembrando uma coisa curiosa: que Dori, que vive nos Estados Unidos, o meu filho do meio, absorveu muito do que eu ouvia na vitrola. Eu tinha a preocupação sempre de ouvir a minha música, quando o pessoal estava fora de casa, ou em outros cômodos, eu botava a minha música. Eu tinha o meu Wagner; o Gabriel Fauré que é uma preferência minha; tinha músicas de canto gregoriano, modernos e clássicos, e até aqueles primitivos italianos, o princípio da ópera, a camera-ta fiorentina. Isso foi uma investigação de amador e isso sempre, mas nunca influenciou a minha música.

HP: Ficou lá dentro, pulsando.

DORIVAL CAYMMI: Exato. Agora, você vê o curioso, Dori tem fortíssima influência do que ouviu na infância. Isso é uma observação muito boa, porque não é minha, é da mãe.

HP: Você fez a sua música independente de modismos, de pressões, da ânsia do sucesso, do que as gravadoras queriam. Como é que foi isso?

DORIVAL CAYMMI: Posso exemplificar. Meu primeiro contato, o começo, foi com o pé direito, uma necessidade após um encontro com Carmen Miranda, pois precisavam de uma música e eu tinha alguma coisa no gênero, para o filme "Banana da Terra", um daqueles filmes pós-carnaval.

E havia a grande ânsia de querer se

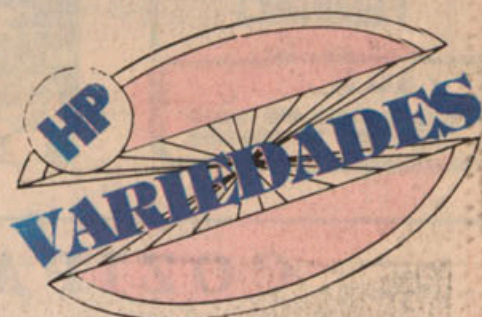
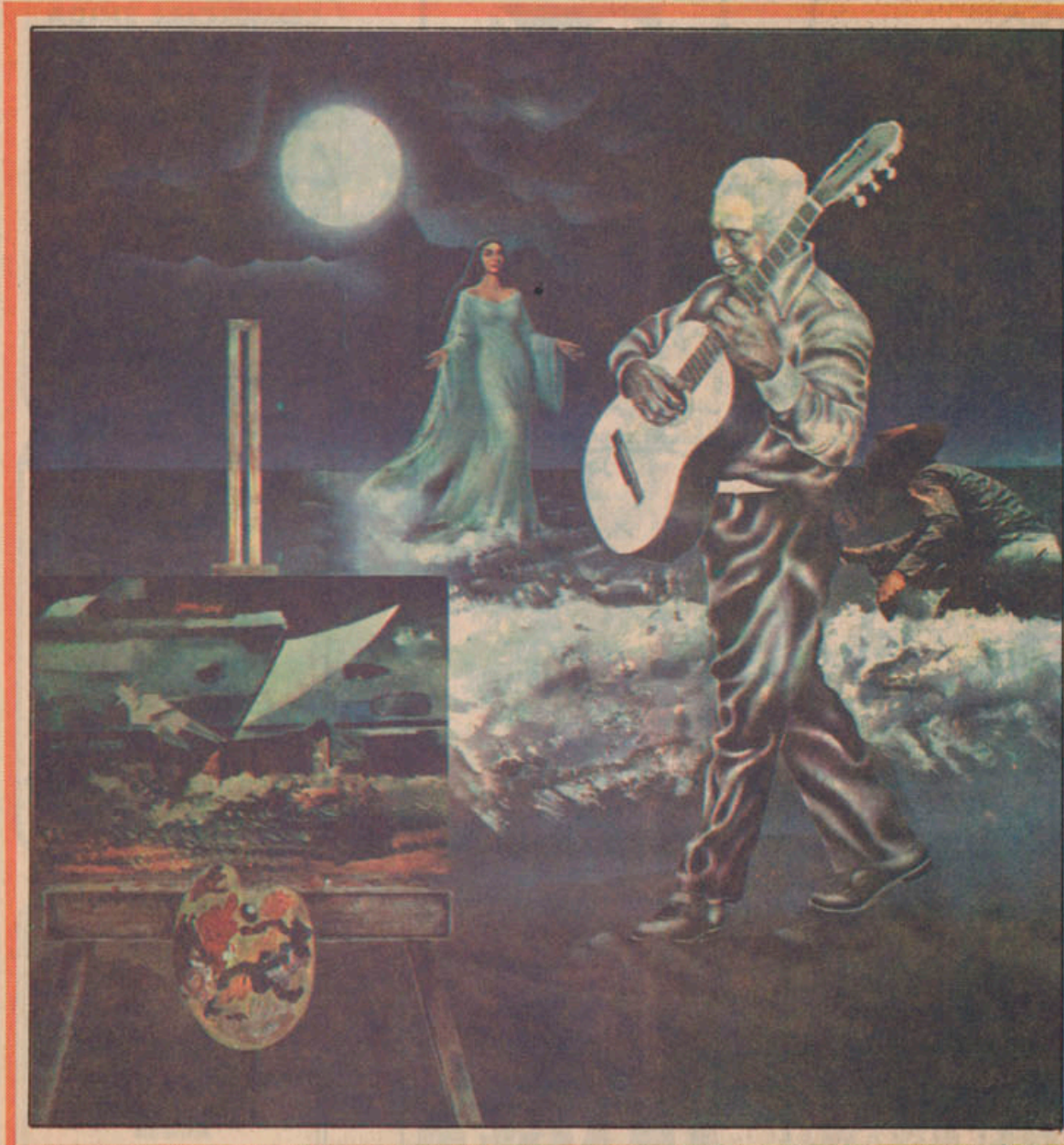
promover através dos grandes meios de comunicação, já havia o rádio e ele era uma profissão. E eu não tinha nem referência, pois sendo eu uma pessoa de fora, os poucos amigos me ouviam no rádio, diziam: "canta bonito, heim!". Era referência de amigos de pensão. Até o nome ficar popular, passou-se menos de um ano ou pouco mais, foi uma coisa meteórica, assim danada. Eu recebi a tentação de entrar no comércio da música violentamente. Pois foi logo imposto a mim, dado o sucesso de *O Que é que a Baiana Tem*, pela Carmen Miranda (em que eu faço dueto com ela), de um lado e, de outro, *A Preta do Acarajé*, dois temas bem



Na Rádio Nacional, em 1941

baianos, e que justificou a indumentária de baiana, com que ela seguiu pelo mundo afóra.

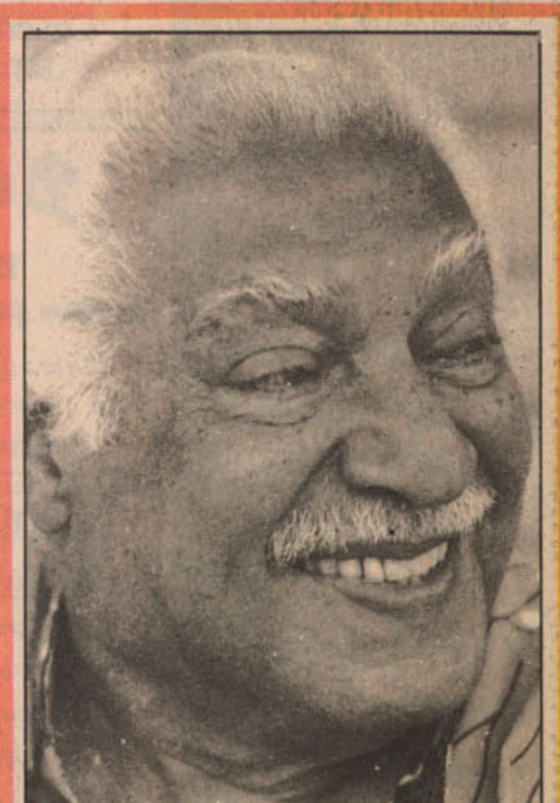
Aí a pressão veio, mas eu senti que tudo aquilo que eu trazia de espontâneo é que era o certo. Então, não me deixei fascinar, não deixei. Por instinto, não fiz projeto, plano. Mas quando a fábrica de disco, fábrica internacional, quis um contrato de um ano, queria um compromisso de três discos por ano; portanto, seis canções, apenas, por ano. Parece pouca coisa; de fato, é assim nos dias de hoje, com os meios que temos. Mas a pretensão da fábrica seria seis sucessos. Eu não podia prometer as canções, quanto mais os sucessos. Eu não quis arriscar. Mas fui quase coagido por um sistema maior do que eu, e aceitei afinal. Mas dando uma ressalva em palavras faladas, não escritas, que eu não me sentia em condições de cumprir aquilo. Que eu preferia fazer um contrato de cada vez, e não aquele. Logo a partir do prazo do segundo disco - que eu não pude fazer, fui despedido. Voltei sem mágoa. Aprendi tudo que tem que se aprender para exercer essa nossa profissão. Aprendi tudo nesse primeiro ano, porque descobri que você tem que ser paciente, raciocinar bem, ser prudente, equilibrado, não ser competidor, apesar de ser uma profissão de competição, como quase todas. Adotei um siste-



ma: apesar da grande competição, que já existia e que cada vez aumenta mais, sou esporádico. Sou aquela pessoa que grava quando lhe apetece. Quando, por influência de um Aloysio de Oliveira, companheiro velho, "vamos fazer um lp, eu estou com uma idéia - eu vou ver se eu completo uma música...". E a partir de uma *Maracangalha*, por exemplo, sai um lp. Esse modo de ser me levou a não forçar ser um ídolo de massas. Mas há 54 anos sou reconhecido naquela postura de compositor popular brasileiro dentro e fora do país. E sem preocupação de obra imensa, aqueles lugares comuns que eu encontrei na época. Você vê, minha discografia é pequena.

HP: E é difícil achar os seus discos.
DORIVAL CAYMMI: Garantiram-me que tem muita matriz do tempo de 78 rotações que foi reciclada, foi posta fora. Não existe original disto. Existe nos sebos, entre colecionadores, e são discos quebráveis. E mesmo da fase do long play muita coisa já está no sebo, está com colecionadores, a tiragem não foi tão grande. Agora há essa nova oportunidade do compact disc, do laser, eles estão regravando, eles reúnem uma quantidade grande de canções, estão pegando repertórios antigos.

continua nas páginas 6 e 7.
ANA LONTRA JOBIM



No disco gravado em Montreux

Dorival Caymmi, mestre da canção popular brasileira

continuação da página 8.

ser o Tom Jobim que é meu amigo, uma pessoa que eu gosto, uma coisa fraternal. Como aconteceu com Lupicínio Rodrigues, lá no Rio Grande do Sul, onde eu tenho familiares. Como aconteceu com Ary Barroso, que, a princípio, tinha uma certa coisa em relação à competição de música. Porque com o sucesso de *O que é que a Baiana Tem*, disseram a ele: "você está com rival na praça". Mas eu nunca entendi esse assunto, e tive um grande amigo enquanto viveu, e que faz falta.

HP: E vocês têm um disco juntos.

DORIVAL CAYMMI: Havia até um certo cuidado, um certo jeito mineiro nele de sangue. Minha mulher é mineira, e aqui, a casa é metade mineira e metade baiana. Na ocasião, o Aloysio de Oliveira propôs que cantássemos juntos. Um cantava e outro acompanhava. Ele não tocou, preferiu tocar músicas minhas. E Aloysio de Oliveira pra não botar nossos nomes um encima do outro...

HP: Botou Ary Caymmi, Dorival Barroso...

DORIVAL CAYMMI: É uma solução achada na Broadway, uma competição entre dois ases dos anos 30, onde o empresário achou essa fórmula, que o Alysio usou.

Na verdade, eu tenho pouca vivência com meus companheiros, mas uma admiração total. De repente, você ouve uma música do Chico Buarque de Holanda, que é um gênio, não é? Ah, quando descobre, como é possível o Tom fazendo - porque ficava todo mundo marcando Tom-Viniccius. Mas olha o Tom sozinho aqui: *É pau, é pedra, é ... Águas de Março. Luiza*, muito bem dito, *oh...* (canta). E muita gente não cuida de saber que Viniccius tinha música também, tem um negócio apaixonante, há uma valsa de Viniccius com Chico Buarque de Holanda que termina assim "E o dia amanheceu em paz". (canta). Olha, isso é de me arrepiar.

HP: E Valsa de Eurídice, também.

DORIVAL CAYMMI: Ah, Valsa de Eurídice. Eu falei com Haroldo Costa, esses dias, e estava lembrando essas belezas. Essas admirações à distância são reconfortantes, são gostosas. Aquela hora de você ouvir o disco, a hora que não tem ninguém, você põe o disco baixinho e ouve com prazer. Ah, é muito bom.

No rádio, eu gosto muito de música clássica. Achava que já não havia mais programas. Para minha surpresa, do ano passado para cá estou descobrindo que a rádio Jornal do Brasil, em frequên-

HP: E isso você passa direto...

DORIVAL CAYMMI: E com isso eu tenho pouco relacionamento na minha classe. E já tive mais, e levei por outro caminho. Tenho uma tremenda dose de admiração por companheiros meus, que eu vejo assim, uma vez na vida. Pode



Caymmi com os filhos, em três momentos: em 1950, em casa com Stella; gravando com Tom Jobim, década de 60, e em show, no ano passado

cia modulada, transmite diariamente de meia noite às duas da madrugada, esse tipo de música, que leva lírico, às vezes.

Eu tenho paixão por qualquer gênero de música. Mas o meu deleite são as artes plásticas, a pintura, a escultura. Não tenho nada aqui no momento como eu gosto, para ficar parado, defronte, namorando, curtindo...

HP: E o que a arte tem a ver com o mercado?

DORIVAL CAYMMI: Eu achei há um tempo, ingenuamente, que a arte podia viver sem o mercado. Mas descobri que o mercado estimula a arte. Não sendo eu um empresário, nem um negociante da música, não sou, sou péssimo para isso.

HP: Mas hoje, como está? Por exemplo, na música, hoje é heavy metal, ou algo do tipo.

DORIVAL CAYMMI: É a decisão tomada pela indústria. Ah, hoje eu estou vivendo uma época totalmente contra o meu tipo de sensibilidade, minha maneira de ser. Onde eu sei que a indústria e o comércio dominam, escolhem e impõem. E fabricam o consumidor, que é o pior, e vai para uma faixa acessível a qualquer modismo. E impõem, explorando quem não tem poder aquisitivo. Acho

HP: Quais os pintores que você mais aprecia?

DORIVAL CAYMMI: Todos os pintores me interessam, todas as escolas. Se você for me falar do primitivo italiano, eu fui ver no local como pintava aquele primitivo - o material, na parede, como era feito, aquela encaústica, antes da pintura a óleo - até, na Holanda,

Van Eyck descobrir a pintura a óleo, misturar com o pigmento, fazer o óleo. Tudo é tão fascinante nas artes.

Mas para mim, a obra mais bonita da natureza é a pessoa humana, e pela ordem: a mulher; em seguida, a criança, e em terceiro, o homem. A beleza da criança, depois a totalidade da beleza da mulher, que ela conseguiu juntar o corpo e a alma na melhor harmonia possível, isso aí reúne tudo o que é arte para mim.

E quando se trata de arte cênica, eu sou do balé - paixão total. Eu já vi balé, viajei para ver, moderno, de várias origens, de companhias européias, americanas. Porque ali, no palco, você tem tudo, tem todas as artes juntas. Você tem além da dança, a escultura, a pintura, a arte de iluminar, a música, o gesto, a paixão total.

HP: E o cinema também, não é?

DORIVAL CAYMMI: Ah, não fale em cinema. Se perguntar assim - diga um filme bom. Ai, o filme que eu cito - não é que eu seja tão velho assim, não é lembrança de velho, é que o filme *Limite* de Mário Peixoto, que morreu há pouco tempo, é aquela obra de arte. Conheci um cineasta, Lima Barreto, que fez *O Cangaceiro*. O cinema muda tem obras de arte espantosas. Fui de tal paixão, e boemia, que os amigos do Uruguaí me deram um crachá de um cineclubista bom, menina, de passar aqueles filmes mudos na

parede. Gosto de cinema assim, que faz jus levar o título de sétima arte. Fui amigo do Cavalcanti, que fez bons filmes, na Inglaterra. Na revolução do cinema, é só tirar o que é massificante, que tem suspeição, comercial.

HP: E como você vê num país tão musical como o Brasil, ser tocada tão pouca música brasileira, em comparação com a estrangeira.

DORIVAL CAYMMI: Imposta, não é. Eu tenho a impressão de que eu tenho a ventura de ter descoberto na FM Jornal do Brasil a música clássica. Eu creio isso ao enfado que deu para os horários que estão dirigidos para aquela música matemática, fria. Ficou um buraco aí, onde você pode ter o deleite de ouvir um concerto n° 1, n° 2 de Chopin para piano e orquestra. Saber porque aquele crítico fez aquele tipo de crítica sobre aquilo... Você ter o mesmo prazer em ouvir a *Heroica*, de Beethoven; em ouvir Tchaikovsky...

Teve uma ocasião que diariamente eu não saía. Eu tocava Bach, Mozart. Tinha aquela dosagem de cada um, até quando chegava a Ravel a Debussy, a dosagem diária. As vezes, eu botava *La Valse* de Ravel, eu botava *Prelude à l'après-midi d'une jeune ou Clair de Lune*, de Debussy, tudo assim, as coisas mais leves, mais suaves. Depois minha paixão total foi Fauré, uma época. *Prelúdio Coral* e *Fuga* de Cesar Frank, outra grande cachaca minha. E depois Mozart, sem medir, Bach, sem medir, Beethoven, sem medida pra ouvir. E vivo com esse alimento.

HP: E sua música é baseada nas suas lembranças que você citou, bem populares, assim como esses autores também...

DORIVAL CAYMMI: ...Beberam em fontes populares, foram muito populares.

HP: Assim como Villa-Lobos...

DORIVAL CAYMMI: ...Villa-Lobos. Quando você vê que ele tocou violão nos subúrbios com seresteiros e choristas. E você vê que Debussy frequentou bares de chopp, e fez uma peça para um violonista de bar, ocasião tomando chopp. Era um ambiente urbano ou do campo, mas sempre inspiração. Como a *Rapsódia Húngara*, de temas e danças populares.

que chegamos ao auge do comércio de arte, com o seu aspecto mais feio. Eu não sou contra, mas entendo que, neste momento, nós estamos atravessando uma fase em que o comércio, a indústria estão impondo o que querem, e, em geral, é uma coisa fictícia, porque você nota, pela duração do sucesso - fabricado - dura o tempo de meia novela, o tempo dum acontecimento que lembra aquela música. Eles aproveitam acontecimentos grandes e infiltram. Quando você sabe que um mero carnaval, costumeiro, de todos os anos, gerou páginas de arte de cantar, que duram décadas e décadas *O teu cabelo não nega mulata...* (canta). A preferência do povo para mim é o válido. Agora, no momento, eu condeno tudo isso que não me toca de jeito nenhum. Pelo contrário, é um pouco melancólico. Você lida com diretor de indústria de som, e com dois minutos de palestras, você está lidando com um profissional frio, esperto em vendas, em marketing, mas fríssimo e pouco entendedor, cerca de assessores que entendem do filão a explorar. Você vê que é um comando de robôs, de autômatos.

HP: Está dissociando mesmo...

DORIVAL CAYMMI: Está, esses rótulos, de heavy metal, samba-rock, essas coisas assim, sempre uma tendência de se rotular para consumo. Que é uma necessidade, faz-se uma coisa qualquer e se rotula. Mas rotular gênero de música é uma coisa que não cabe num país musical como o Brasil.

HP: Fale um pouquinho da Carmen Miranda.

DORIVAL CAYMMI: O encontro foi, como eu lhe disse no princípio, ao acaso. Uma necessidade de encontrar uma música. Fui levado a ela e conheci uma pessoa realmente adorável. Fizemos uma amizade que durou, que ficou um ano funcionando no cotidiano. Porque ela morava com a família na Urca, um bairro bonito, e na hora em que estava cansada dessas atividades, ela chamava os amigos para a casa dela, uns eleitos. Eu me sentia muito honrado porque era um dos novos. E só iam lá Ary Barroso, Lamartine Babo, e tinha amigos que eram do ministério, ela tinha um relacionamento de todas as classes. Mas não convívio íntimo, havia aquele médico da família, muito amigo; Aloysio de Oliveira, muito amigo, conselheiro pessoal.

Minha amizade foi assim. Agora, minha admiração: total! Houve restrições, mas compeendendo a necessidade de ter uma música em inglês, ou feita naquela fórmula *ai, ai, ai I like you very much...* (canta). Concessões típicas de uma língua para outra, de uma intérprete latina para uma outra língua estrangeira. E foi um sucesso popular tremendo.

Carmen Miranda foi sempre uma pessoa que alegrou os ambientes, uma pessoa positiva, exuberante, engraçadíssima nas coisas que dizia. Até nas coisas que ela levava mais a sério podia sair um disparate gostoso. Figura irradiante, criativa.

HP: Você imaginaria que teria três perólas, que seus filhos seguiriam a mesma carreira?

DORIVAL CAYMMI: Eu não tenho direito de fazer uma pesquisa, não tenho saber para isso, tenho meus limites. Não sou psicólogo. Mas

HP: E esses permanecem eternos.

DORIVAL CAYMMI: Ah, e quando na música operística, você estuda bem certos trechos de Puccini, você vê na orquestração a tendência, a operação de acordes, a beleza das harmonias. Chega no Beethoven encontra a mesma coisa, não é tão quadrada como se imagina. Se analisar bem, você vê que há sempre uma pétala mais rosada do que a outra, naquela rosa que ele está fazendo. Há uma tendência a uma descoberta, a uma procura, uma coisa do acaso, está dentro dele. Então, tudo isso tem uma coisa que brota da criação, da maneira de criar, de sentir a natureza que é uma grande mestra e que guia a gente por aí.

A presença da pessoa humana na canção a gente só se dá conta depois que faz. O meu caso é esse. A personagem já vem com um nome *Pobre Rosinha de Chica...*, *Marina*, depois eu vejo a personalidade e eu acerto, ou cheguei perto, devia ser assim.

HP: Você imaginaria que teria três perólas, que seus filhos seguiriam a mesma carreira?

DORIVAL CAYMMI: Eu não tenho direito de fazer uma pesquisa, não tenho saber para isso, tenho meus limites. Não sou psicólogo. Mas

ca possível, a ir comprar uma flauta para ele. Ele usava também flautinhas de madeira que Jorge Amado, Zélia, nossos amigos, Carybé traziam de viagem. Ai pusemos os professores. E eles foram assimilando bem. A nação não quis nada com a música, mas Dori, Danilo, sim. Mas vocação, sensibilidade musical todos eles têm. E para mim e para Stella foi o maior prêmio. Mas é sorte, é uma coisa rara de acontecer.

HP: Você podia falar um pouco do tropicalismo?

DORIVAL CAYMMI: Como nasceu a tropicalia eu vi por um ângulo diferente, eu vi pelo Hélio Oiticica, vi pelas artes plásticas. Eu vi Ligia Clark fazendo os *Bichos* nas esculturas, e com eles eu tinha muito mais contato. No Museu de Arte Moderna, nessa convivência dos debates na cidade, quando nasceu esse movimento eu me interessei. Foi quando apareceu uma ala tropicalista baiana, tu-



DORIVAL CAYMMI

CANCIONEIRO DA BAHIA



PREFÁCIO DE JORGE AMADO
ILUSTRAÇÕES DE CLOVIS GRACIANO
LIVRARIA MARTINS EDITORA

O disco Ary Caymmi/Dorival Barroso idealizado por Aloysio de Oliveira; abaixo o livro *Cancioneiro da Bahia*, seu primeiro songbook, edição 1947.

HP: Você imaginaria que teria três perólas, que seus filhos seguiriam a mesma carreira?

DORIVAL CAYMMI: Eu não tenho direito de fazer uma pesquisa, não tenho saber para isso, tenho meus limites. Não sou psicólogo. Mas

influência exercida por mim é mais notória, porque sou cantor profissional. Mas essa que está na sala, Stella, é uma cantora tão rigorosamente boa e inspirada, e de voz de trato tão naturalmente bonito que é um mistério até hoje para os parentes e amigos, por que Stella deixou o rádio. Vai dizer assim: foi o casamento. Ela casou e o marido não quis. Não foi. Agora em casa, ela crítica, ela observa, tem achados maravilhosos. Ela

diz pra Nana, assim sem cerminônia, de mãe pra filha, "você deveria botar na capa do disco o título dessa música". No fim quem acerta é ela. Eu peguei meus filhos atentos à maneira de cantar da mãe, no cotidiano. Ela podia estar na copa e cantava. Hoje eu vejo Nana gravar músicas do passado, que foram músicas que ela via a mãe, quando pequena, cantando: *quase que eu disse agora o seu nome sem querer...* (canta), sucessos que foram da Carmen Costa, Dalva de Oliveira. Músicas de Noel Rosa, a Stella as cantou no rádio, bem escolhidas: *pra que mentir se tu ainda não tens malícia de toda mulher*, (canta) Stella canta bonito à beça. Eles a ouviam com uma admiração assim velada, silenciosa. A Nana saiu com um timbre misturado, mas eu gostaria que ela tivesse o timbre da mãe.

Eles são resultado da sorte, do acaso, porque nenhum deles podia dar para isso. Mas para sorte nossa, para surpresa minha e dela, eles nasceram bem dotados. Nós queríamos os três na escola superior. O Dori recusou-se logo, a Nana nem quis saber, acabou o ginásio e começou a cantar. Não tocava piano, o piano foi comprado pra ela para nada, naquele sonho de toda avó, toda mãe. Foi o Dori que pegou o piano, o violão e começou a tocar. Já cedo, tocava com Baden Powell, João Gilberto, já aquele senso harmônico, aquela musicalidade extraordinária. O Danilo brincando, começou a soprar, soprava na mão. A mãe se viu, da maneira mais doméstica possível, a ir comprar uma flauta para ele. Ele usava também flautinhas de madeira que Jorge Amado, Zélia, nossos amigos, Carybé traziam de viagem. Ai pusemos os professores. E eles foram assimilando bem. A nação não quis nada com a música, mas Dori, Danilo, sim. Mas vocação, sensibilidade musical todos eles têm. E para mim e para Stella foi o maior prêmio. Mas é sorte, é uma coisa rara de acontecer.

Quando eu vejo esse pessoal, esqueço o movimento, vou olhar talento, um por um. Você vê a contribuição de onde parte o movimento. O talento do Caetano é uma coisa indiscutível. Estou vendo nos livros ali do Almir Chediak, os songbooks, assim calmamente a capacidade de beleza da poesia, de música.

Você pára em Chico Buarque de Holanda. Eu fui amigo do pai do Chico, eu não ia saber que ia brotar dali, do Sérgio, uma coisa tão importante, tão exuberante, linda como é Chico Buarque. Então, eu tenho uma verdadeira fascinação não pelo conjunto e sim por cada um deles.

Sem dizer que eu tivesse uma dose grande, como ainda tenho de Elis Regina, uma grande dose de Maysa Matarazzo, Dolores Duran, ah, fascinante. Aracy de Almeida que foi um símbolo da música brasileira, que ultimamente estava radicada em São Paulo.

E eu sempre estou no páreo, sem competir, mas estou correndo. Eu gosto da raia. Esperando sempre que surja uma novidade, uma coisa nova.

do na música. De repente, você vê despontarem-se os talentos, quando você vê uma frase dita ao acaso por Caetano Veloso, com muita sabedoria, tão jovem, naquela idade. Gilberto Gil, com envolvimento política, por instinto político, fazia aquelas obras dele. Uma genialidade, não é. A maneira como as cantoras vão se portando, procurando expressões novas de cantar, de comunicar a canção já de um outro jeito.

Você vê, a Elis Regina estourou botando um gênero exclusivo e altamente burilado, estudado, tecnicamente bem feito. Uma coisa que parece uma improvisação maluca, e ela ali - tudo certinho, a beleza toda, a inventividade do ritmo; como o João Gilberto, na bossa nova já vinha fazendo; como outros músicos foram fazendo no teclado, nos instrumentos de cor-



'Vamos falar de Tereza', foi feita com Danilo

da, clássicos da bossa nova, e essa coisa foram nascendo.

Esse grupo baiano teve uma grande coisa a favor: eles foram solidários. Eu fui descobrir, não era a política só que os reunia, era uma afinidade, apesar de serem de lugares diferentes de um Estado, eles tinham um culto. Assim se você fica um tempo em São Paulo, você fica paulista, você se sente adotado por São Paulo. Eu vivi com a família do Graciano (Clóvis Graciano) fiquei muito paulista naquela época, e aqui no Rio eu sou muito carioca. E a minha baianidade é nata. Apesar da Bahia estar se transformando, transformando.

Quando eu vejo esse pessoal, esqueço o movimento, vou olhar talento, um por um. Você vê a contribuição de onde parte o movimento. O talento do Caetano é uma coisa indiscutível. Estou vendo nos livros ali do Almir Chediak, os songbooks, assim calmamente a capacidade de beleza da poesia, de música.

Você pára em Chico Buarque de Holanda. Eu fui amigo do pai do Chico, eu não ia saber que ia brotar dali, do Sérgio, uma coisa tão importante, tão exuberante, linda como é Chico Buarque. Então, eu tenho uma verdadeira fascinação não pelo conjunto e sim por cada um deles.

Sem dizer que eu tivesse uma dose grande, como ainda tenho de Elis Regina, uma grande dose de Maysa Matarazzo, Dolores Duran, ah, fascinante. Aracy de Almeida que foi um símbolo da música brasileira, que ultimamente estava radicada em São Paulo.

E eu sempre estou no páreo, sem competir, mas estou correndo. Eu gosto da raia. Esperando sempre que surja uma novidade, uma coisa nova.

Mestre Caymmi, o povo, o amor e o mar



Em entrevista ao HP, Dorival Caymmi (foto), compositor de clássicos da música brasileira, fala de sua formação musical, de seu grande apreço pela música erudita, pelas artes plásticas, cinema,

dos filhos, do tropicalismo. Diz também que o atual momento, marcado pela incursão de "friíssimos profissionais de marketing" no espaço musical, choca a sua sensibilidade. Págs. 6 a 8/2º Cad.